

Healing books: repercussões digitais sobre narrativas enredadas em espaços da/na cidade “que curam”¹

Lilian Crepaldi de Oliveira AYALA²

Universidade de São Caetano do Sul, São Caetano do Sul, SP
Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado, São Paulo, SP

Fernanda Iarossi PINTO³

Universidade de São Caetano do Sul, São Caetano do Sul, SP
Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, SP

Fernanda Elouise BUDAG⁴

Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado, São Paulo, SP
POSCOM-UFSM, Santa Maria, RS

RESUMO

Do campo de estudos sobre o qual estamos nos debruçando em anos recentes, a respeito do mercado editorial e suas relações com o consumo e práticas de leituras, assumimos particularmente como objeto de estudo neste espaço os discursos e práticas do que vem se convencendo chamar de *healing fiction*; que nos permite pensar também interrelações com as juventudes e os espaços urbanos. Questionamos mais exatamente o que usuários vêm colocando em circulação sob a editoria “healing books” no TikTok – investigando quais os livros de *healing fiction* lidos, seus enredos, espaços nas cidades em que se passam as narrativas (pressupondo que geram processos de identificação) e produção de sentidos – contrapondo com o que a crítica literária vem comentando também no ambiente digital, nas instâncias formais. Assim, iniciamos contextualizando esse fenômeno social para, na sequência, trazeremos os dados empíricos de nossa observação no ambiente digital, já sublinhando que as opiniões de leitores no TikTok são diametralmente opostas às dos principais críticos literários nacionais.

PALAVRAS-CHAVE: produção editorial; crítica literária; consumo; Tiktok; juventudes; cidades.

Healing literature; healing fiction; histórias acolhedoras; histórias reconfortantes; histórias leves; histórias para desacelerar; pessoas comuns; ambientes cotidianos; dilemas e percalços “da vida real”; enredos em livrarias, bibliotecas, cafês,

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Tecnicidades e Culturas Urbanas, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Comunicação e Semiótica (PUC-SP). Professora na Universidade Municipal em São Caetano do Sul (USCS) e na Fecap (São Paulo-SP), e-mail: liliancrepaldi@gmail.com.

³ Mestre em Comunicação Midiática (Faac-Unesp). Professora nas Universidades Anhembi Morumbi (UAM) campus São Paulo-SP e Municipal de São Caetano do Sul (USCS) em S. Caetano do Sul-SP, e-mail: feriarossi@hotmail.com.

⁴ Doutora em Ciências da Comunicação (ECA-USP), com pesquisa de pós-doutorado em Comunicação e Práticas de Consumo (ESPM-SP). Professora na FECAP (São Paulo, SP) e no POSCOM-UFSM, e-mail: fernanda.budag@gmail.com.

lojinhas “fofas”; livros que ajudam a lidar com momentos difíceis; literatura de cura; livros de ficção curativa; e “ficção band-aid”. Garimpendo pela imprensa especializada em literatura, meios de comunicação que cobrem o mercado editorial, as divulgações das editoras no Brasil e o imenso mundo da divulgação via *booktubers* e afins, as expressões acima são comuns ao tentar retratar o que tem sido apontada como uma tendência literária: títulos especialmente de autores do Japão e da Coreia do Sul encaixam-se neste cenário com histórias que falam de solidariedade, cura, empatia e coragem. Em resumo: livros que ajudam o leitor a superar momentos difíceis da vida. Retomando o pensamento de Puchner (2009), “a literatura não é apenas para os amantes dos livros. Desde que surgiu, há 4 mil anos, ela moldou a vida da maioria dos seres humanos que vivem no planeta Terra (p.9-10)”.

Como esses títulos focam em questões existenciais de uma maneira inspiradora e reconfortante, há quem os aponte como uma espécie de experiência terapêutica aos leitores. Os livros de *healing fiction* costumam impactar no bem-estar emocional, “têm um efeito terapêutico, valem como uma sessão de psicanálise”, aponta Renata Pettengill, editora de ficção estrangeira da Record e da Bertrand Brasil (Blum, 2023).

A Biblioteca da Meia-Noite, de Matt Haig (há 101 semanas não consecutivas na lista dos mais vendidos, compilada pela revista *Veja*, e o terceiro livro mais vendido no Brasil em 2023); *A Biblioteca dos Sonhos Secretos*, de Michiko Aoyama; *Antes que o Café Esfrie*, de Toshikazu Kawaguchi (que já possui volumes 2 e 3); *Bem-Vindos à Livraria Hyunam-Dong*, de Hwang Bo-Reum; *Relatos de um Gato Viajante*, de Hiro Arikawa; *A Inconveniente Loja de Conveniência*, de Kim Ho-yeon; *A Livraria Mágica de Paris*, de Nina George; *O Jogo dos Desejos*, de Meg Shaffer; *Meus Dias na Livraria Morisaki*, de Satoshi Yagisawa; *Amêndoas*, de Won-pyung Sohn; *O Gato que Amava Livros*, de Sosuke Natsukawa são exemplos de indicações que estão nas resenhas dessa categoria editorial.

Obras de ficção, algumas envolvendo realismo mágico, fantasia, sem *plots* muito elaborados, marcam uma literatura mais tranquila, o que gera até uma comparação com autoajuda ou obras ligadas a conceitos religiosos. Dentro deste subgênero literário de literatura de cura, há ramificações de temas e públicos, como o “romance cristão”, bastante resenhado pela influenciadora @livrosdakell.

Apesar da variedade temática, é possível observar alguns pontos em comum entre as obras: personagens simples (sem camadas), ambientes aconchegantes e nostálgicos (cafés, livrarias, bibliotecas, pequenas lojas) e enredos tranquilos, sem grandes sobressaltos.

Entendemos que esses locais em que se passam as histórias, enquanto espaços da/na cidade, operam como espaços de construção de memórias e de socialidades, ganhando sentidos como aconchego. Em uma ponta, correspondem a *espaços de construção de memórias* porque, em um movimento metalinguístico, por exemplo, o livro é ambientado em uma biblioteca e, assim, na obra, a personagem principal lê um livro inesquecível e troca opiniões com a bibliotecária, construindo uma memória-narrativa desses momentos. Ou ainda, em outra obra, enredada em um café, a protagonista encontra uma amiga e conversam sobre a vida, tecendo novamente memórias. Memória, pois, como processo vivo e em movimento (Nunes, 2016), e construção de memórias, nesses casos, catalisadas pelo consumo de livros. Na outra ponta, esses mesmos estabelecimentos conformam-se como *espaços conjugadores de socialidades*, na concepção de Martín-Barbero, como “[...] trama de relações cotidianas que tecem os homens ao se juntar, e nas quais se ancoram os processos primários de interpretação e constituição dos sujeitos e identidades” (Martín-Barbero, 2004, p. 230-231). Enfim, cafés, livrarias e bibliotecas figurando como potentes “ambiências comunicacionais” nos termos de Baitello (2010), que permitem a constituição de vínculos afetivos e de sentidos.

Nas obras, os personagens basicamente conversam: o problema é verbalizado por um personagem e o outro realiza uma escuta ativa, propondo caminhos, o que remete à ideia de cura pela fala, desenvolvida por Freud: “por fim seus distúrbios foram removidos pela fala” (Freud, 1893-1895, p.70 – caso Anna O.) Ou seja, o falar traz à tona informações que são reprimidas do inconsciente. A emoção estrangulada encontra uma saída pela via discursiva.

Em termos gráficos, as capas costumam apresentar o local do enredo, normalmente em formato ilustração. A mensagem dos livros de ficção de cura é, na essência, a mesma: “seja resiliente, vai ficar tudo bem”.

Nesse sentido, o historiador Dante Gallian, autor do livro *A Literatura como Remédio: os Clássicos e a Saúde da Alma*, em entrevista a Camila Appel, do blog Morte Sem Tabu (Folha de S. Paulo), ressalta que:

A leitura pode curar na medida em que abre a possibilidade para uma experiência ampla e autêntica da própria humanidade. Grande parte de nosso adoecimento decorre de uma dinâmica de vida moderna, onde funcionamos mais como máquinas do que pessoas. Temos muito pouco tempo para pensar, para questionar qual é o sentido das coisas que fazemos. A leitura é uma oportunidade de te arrancar dessa dinâmica automática e mecânica. O livro transpõe a um outro espaço geográfico, outra realidade. Num primeiro momento, a literatura não deixa de ser uma fuga, mais é uma fuga terapêutica. Ela te desperta coisas, sentimentos, afetos. (Appel, 2018).

Esta ideia de cura remete ao clássico ensaio *Rua de mão única*, de Walter Benjamin, e seu trecho seminal:

A criança está doente. A mãe a leva para cama e se senta ao lado. E então começa a lhe contar histórias. Como se deve entender isso? Eu suspeitava da coisa até que N. me falou do poder de cura singular que deveria existir nas mãos de sua mulher. Porém, dessas mãos ele disse o seguinte: – Seus movimentos eram altamente expressivos. Contudo, não se poderia descrever sua expressão... Era como se contassem uma história. – A cura através da narrativa, já a conhecemos das fórmulas mágicas de Merseburg. Não é só que repitam a fórmula de Odin, mas também relatam o contexto no qual ele as utilizou pela primeira vez. Também já se sabe como o relato que o paciente faz ao médico no início do tratamento pode se tornar o começo de um processo curativo. Daí vem a pergunta se a narração não formaria o clima propício e a condição mais favorável de muitas curas, e mesmo se não seriam todas as doenças curáveis se apenas se deixassem flutuar para bem longe – até a foz – na correnteza da narração. Se imaginamos que a dor é uma barragem que se opõe à corrente da narrativa, então vemos claramente que é rompida onde sua inclinação se torna acentuada o bastante para largar tudo o que encontra em seu caminho ao mar do ditoso esquecimento... É o carinho que delinea um leito para essa corrente. (Benjamin, 1995, p. 269)

Uma vez que estamos interessadas no que dizem os *booktokers* sobre essas obras, Martín-Barbero (2004 apud Crepaldi, 2019, p. 50) também pode ser resgatado ao se pensar nos modos de simbolização, ritualização dos laços sociais que, segundo ele, estão ligados, de formas mais intensas, às redes comunicacionais e aos fluxos informacionais e que se encaixam a este contexto de análise de livros, tendências editoriais além do campo tradicional da crítica especializada ou da cobertura tradicional da imprensa. O que acaba gerando a desterritorialização dos saberes, quebra de fronteiras espaciais, temporais e epistemológicas – redes sociais digitais potencializam este cenário contribuindo para popularização de títulos, autores e obras de diferentes origens:

múltiplos trajetos de leitura ligados às condições sociais do gosto, marcados pelos níveis e qualidade da educação, pelos haveres e saberes constituídos em memória étnica, de classe ou de gênero, e pelos hábitos familiares de convivência com a cultura letrada, a oral ou audiovisual, que carregam a experiência do ver sobre o ler, ou vice-versa. (Martín-Barbero, 2004, p. 233 apud Crepaldi, 2019, p. 50).

Desses novos itinerários informacionais na literatura, dá para destacar “[...] a importância dos mediadores socioculturais, [...] em suas figuras institucionais e tradicionais nos discursos comunicacionais [...]” (Crepaldi, 2019, p. 50) incluindo o papel das chamadas *booktoks*, comunidades no aplicativo TikTok, cujo foco são livros e literatura, reunindo criadores que produzem vídeos com foco em resenhas, revisões, discussões e leituras de livros.

Assim, no TikTok, os *healing books* tornaram-se uma espécie de editoria na rede social, com a devida explicação de seus conteúdos e sinônimos. A produtora de conteúdo Jocasta Vilela (@curtaleitura) assim define o subgênero ficção de cura em um de seus posts: “*Livros que trazem um conforto para os nossos problemas do dia a dia, mas em uma trama de ficção. Os personagens passam o que geralmente passamos, e rola uma identificação + reflexão bem bacana!*”. Ao qual recebe comentários elogiosos demonstrando o sentimento positivo dos seguidores em relação ao gênero: “*Amei as indicações  por enquanto li só A biblioteca dos sonhos secretos, e amei!!!*”, ou comentários que explicam o prazer por essa leitura: “*Meus livros de conforto são Antes Que o Café Esfrie e A Biblioteca dos sonhos secretos. Livros asiáticos trazem uma paz inexplicável, me dá muita vontade de ler e não ‘pesa’, são leituras tão leves*”.

Por outro lado, as opiniões no TikTok dos livros de cura são diametralmente opostas às dos principais críticos literários nacionais. Tome-se o exemplo de *A biblioteca da Meia-Noite* e um trecho do renomado crítico Rodrigo Casarin:

Não vou dizer que balancei com relação à vida, mas em diversos momentos questionei o amor pelos livros enquanto me arrastava por "A Biblioteca da Meia-noite". É daquelas leituras que parecem intermináveis de tão enfadonhas que são. Nem as referências ao vinho foram capazes de me conquistar. [...] Largaria a bomba logo nas primeiras páginas se fosse um livro qualquer, mas não é o caso. [...] Ao longo da narrativa, autores como Sartre, Thoreau e Camus são esmigalhados. Suas frases são contextualizadas como autoajuda barata para servir de bengala para os clichês do Haig. Lições de moral, sacadas sem graça e imagens toscas acompanham o combo da chatice. Pesco exemplos:

“Sua mente vomitou em si mesma”.

“A cidade era uma esteira rolante de angústias”.

“Lenços são como vidas. Há sempre mais”.

“O vento sussurrou através das árvores”. (Casarin, 2024).

Vale destacar que esta nova leva ficcional vem numa espécie de resposta/oposição à popularmente chamada *sick-lit* (literatura enferma). Este subgênero literário, em que um ou mais protagonistas apresentam alguma doença (geralmente sem cura), consagrou obras de extrema popularidade, como *A culpa é das estrelas* (John Green) e *As vantagens de ser invisível* (Stephen Chbosky); ambas com adaptações cinematográficas. Bastante popular entre adolescentes nos anos 2010, as *sick-lits* encabeçaram as listas dos *best-sellers* por anos.

Apesar de a maior parte dos críticos brasileiros considerarem as *healing fictions* um tipo de autoajuda disfarçada, é inegável que muitos leitores atribuem um aspecto terapêutico a elas.

Assim como os *booktokers*, *booktubers* e *bookstagramers*, as editoras também utilizam as redes sociais para divulgarem suas ficções de cura, normalmente com a sinopse da obra e *hashtags*, conforme este exemplo da Editora Sextante, casa publicadora do fenômeno *A biblioteca dos sonhos secretos*, no TikTok:

Uma leitura que vai te inspirar a seguir os seus sonhos.
No livro ‘A biblioteca dos sonhos secretos, você conhece uma bibliotecária misteriosa que tem o dom de saber exatamente de qual livro cada visitante precisa para mudar de perspectiva e voltar a alimentar seus sonhos.
#ficçãodecura #biblioteca #frase #bookrecommendations
#abibliotecadossonhossecretos #booktokbrasil

REFERÊNCIAS

- APPEL, Camila. A literatura como remédio-um projeto de vida. **Folha de S. Paulo**. 25 out. 2018. Disponível em: <https://mortesemtabu.blogfolha.uol.com.br/2018/10/25/a-literatura-como-remedio-um-projeto-d-e-vida/>. Acesso em: 21 maio 2024.
- BAITELLO, Norval. **A serpente, a maçã e o holograma**: esboço para uma teoria da mídia. São Paulo: Paulus, 2010.
- BENJAMIN, Walter. Conto e Cura. In: **Obras Escolhidas II**. Rua de Mão Única. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- BLUM, Bárbara. ‘Literatura de cura’ leva histórias de acolhimento cotidiano a leitores ávidos por tranquilidade. **Folha de S. Paulo**. 13 dez. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equlibrio/2023/12/literatura-de-cura-leva-historias-de-acolhimento-cotidiano-a-leitores-avidos-por-tranquilidade.shtml#:~:text=Segundo%20Renata%20Pettengill%2C%20editora%20de,como%20uma%20sess%C3%A3o%20de%20psican%C3%A1lise%22>. Acesso em: 26 maio 2024.

CASARIN, Rodrigo. A enfiada Biblioteca da Meia-noite e o tal livro para 'todos os públicos'. **UOL**. Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/colunas/pagina-cinco/2024/03/27/a-biblioteca-da-meia-noite-matt-haig-resenha.htm>. Acesso em: 21 maio 2024.

CREPALDI, Lilian. **Babel nas terras alagadiças**: revista Raízes, migrações e memórias em São Caetano do Sul. São Paulo: Gênio Criador, 2019.

FREUD, S. Estudos sobre a histeria (1893-1895). In: Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v.II.

GALLIAN, Dante. **A literatura como remédio**: os clássicos e a saúde da alma. São Paulo: Martin Claret, 2017.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Ofício de cartógrafo** – Travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Loyola, 2004.

NUNES, Mônica. Memória, consumo e memes de afeto nas cenas cosplay e furry. **Contracampo**, Niterói, v. 35, n. 01, p. 142-162, abr./jul., 2016.

PUCHNER, Marin. **O mundo da escrita**: como a literatura transformou a civilização. São Paulo: Cia das Letras, 2019.